

O crescimento do valor das exportações gaúchas de 2004 a 2006: a importância dos preços*

Sônia Unikowsky Teruchkin**

Economista da FEE

Introdução

Nos últimos 10 anos, o acréscimo médio anual das exportações brasileiras — de 11% ao ano — foi superior ao do mercado internacional. E, em 2006, a representatividade do Brasil nas exportações mundiais alcançou 1,16%, seu nível mais elevado desde 1988 (Pasin, 2007).

Apesar da apreciação do real em relação ao dólar, as exportações nacionais e estaduais aumentaram significativamente de 2004 a 2006, a despeito do arrefecimento do seu ritmo de incremento, e isso vem contribuindo para o crescimento das economias brasileira e gaúcha. Tanto é assim que, de acordo com IBGE (2007), a participação das exportações brasileiras no Produto Interno Bruto (PIB) se elevou, passando de 10,0% em 2000 a 15,1% em 2005.¹

Visando melhor entender o que ocorreu nesse período, no Estado do Rio Grande do Sul, este artigo propõe-se a avaliar a variação dos índices de valor, de volume e de preços das exportações, calculada pela FEE e publicada mensalmente em sua home page. Para tanto, após esta Introdução, faz-se uma breve análise das vendas externas gaúchas, examinando-se a variação dos índices dos principais capítulos por valor transacionado; e, por fim, apresentam-se as **Considerações finais**.

O desempenho das exportações gaúchas

Verificou-se, no Brasil e no RS, uma evolução positiva do valor exportado desde 2004. A taxa de incremento anual, em nível nacional, foi elevada e decrescente, passando de 32,0% em 2004 a 22,6% em 2005 e atingindo 16,2% em 2006. Já no Estado, o comportamento não foi sistemático, tendo em vista problemas enfrentados pela economia gaúcha ao longo de 2005, os quais afetaram sobremaneira as vendas externas.

Nos três anos analisados, os preços foram o fator primordial para explicar o crescimento das vendas externas gaúchas, diferentemente do ocorrido no Brasil, em 2004, quando as quantidades cresceram mais do que os preços. E, em 2005, o papel dos preços dos produtos gaúchos exportados foi mais proeminente, uma vez que, nesse ano, o volume embarcado se reduziu. Essa *performance* negativa, em especial dos produtos da agropecuária, ocorreu devido a problemas climáticos, com uma longa estiagem no Estado, que comprometeu a venda de várias mercadorias de exportação, como as do complexo soja — grãos, farelo e óleo bruto — e dos cereais — trigo e milho —, dentre outros.

Para analisar as taxas de variação dos índices de valor, de volume e de preços calculados pela FEE², foram selecionados, dentre os 96 capítulos da NCM, os 19 de maior valor das exportações, excetuando-se as transações especiais. Com uma participação média de 88% no valor exportado, no período 2004-06, esses

* Artigo recebido em 17 abr. 2007.

** A autora agradece os comentários e as sugestões dos Economistas Álvaro Louzada Garcia, Beky Moron de Macadar e Teresinha Bello ao texto preliminar, isentando-os de quaisquer erros que porventura tenham permanecido.

¹ O Sistema de Contas Nacionais, que inclui o cálculo do PIB, foi alterado em 2007, tendo ocorrido mudança nos valores correntes da série nova. Na nova série, foi adotado o ano 2000 como referência e incorporados dados das pesquisas anuais econômicas e domiciliares, além das informações tributárias das pessoas jurídicas, dentre outras (IBGE, 2007).

² A FEE disponibiliza mensalmente os índices de volume e preço das exportações para o Rio Grande do Sul, segundo a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), a partir de dados divulgados pela Secex-MDIC. Os índices de volume são do tipo Laspeyres, com base móvel, isto é, os índices de cada ano têm como base a média do ano anterior. Os índices de preços, do tipo Paasche, são obtidos, implicitamente, a partir dos índices de valor e dos índices de volume. Os índices de cada ano são encadeados, tomando-se como escala o ano de 2003 (FEE, 2007).

capítulos são bastante representativos da pauta gaúcha e estão discriminados na Tabela 1. Como a FEE só disponibiliza em sua home page dados mensais, para a obtenção dos dados anuais, foram calculados os índices médios das exportações anuais de 2004 a 2006, a partir dos quais se alcançaram as taxas de variação dos mesmos.

De acordo com a Tabela 1, os três principais capítulos por valor, que englobam as carnes (02), os calçados (64) e o fumo (24),³ representaram, em conjunto,

cerca de 36,5% ao ano das vendas externas no período em análise. Destaca-se, igualmente, o valor das exportações de alimentos, fumo, calçados, couro, madeira e celulose, que se caracterizam por serem produtos do agronegócio, muitos dos quais oriundos de indústrias tradicionais, consideradas de baixa tecnologia,⁴ cuja demanda internacional possui baixo dinamismo. E essa tem sido a principal característica da pauta exportadora gaúcha, apesar da sua diversificação ao longo dos anos.

Tabela 1

Valor e participação dos principais capítulos da NCM nas exportações do Rio Grande do Sul — 2004-06

CÓDIGOS	CAPÍTULOS	VALOR (US\$ FOB 1 000)			PARTICIPAÇÃO %		
		2006	2005	2004	2006	2005	2004
02	Carnes e miudezas, comestíveis	1 539 808	1 257 363	952 016	13,08	12,03	9,64
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	1 313 190	1 360 468	1 321 910	11,15	13,01	13,38
24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	1 249 578	1 457 034	1 253 309	10,61	13,94	12,69
87	Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	939 411	1 035 637	812 918	7,98	9,91	8,23
39	Plásticos e suas obras	794 338	676 715	449 340	6,75	6,47	4,55
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	752 578	810 778	780 823	6,39	7,76	7,90
12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	741 805	110 158	635 027	6,30	1,05	6,43
41	Peles e couros	507 317	424 252	418 309	4,31	4,06	4,23
29	Produtos químicos orgânicos	360 490	362 035	243 093	3,06	3,46	2,46
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	348 005	297 590	412 613	2,96	2,85	4,18
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	302 794	195 194	277 810	2,57	1,87	2,81
94	Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	277 429	277 251	280 464	2,36	2,65	2,84
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, etc. ceras minerais	255 625	131 642	39 210	2,17	1,26	0,40
40	Borracha e suas obras	225 138	214 823	165 512	1,91	2,06	1,68
85	Máquinas, aparelhos e material elétrico, suas partes, etc.	220 762	180 255	133 482	1,87	1,72	1,35
16	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	173 471	115 807	91 510	1,47	1,11	0,93
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	161 800	146 216	146 843	1,37	1,40	1,49
47	Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	124 708	112 256	104 532	1,06	1,07	1,06
82	Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc., de metais comuns	120 162	108 720	102 833	1,02	1,04	1,04
	Subtotal	10 410 415	9 276 199	8 623 555	88,40	88,72	87,28
	Outros	1 363 997	1 177 485	1 255 047	11,60	11,28	12,72
	TOTAL	11 774 412	10 453 684	9 878 602	100,00	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/Sistema Alice.

³ Como os dados das tabelas estão desagregados em capítulos, cujos nomes são, em geral, extensos, para facilitar a leitura no texto, abrevia-se a designação e coloca-se entre parêntese o número do capítulo, o que torna acessível a consulta aos dados nas tabelas.

⁴ Os produtos da indústria de transformação foram classificados, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por intensidade tecnológica, como segue. A **indústria de alta tecnologia** abarca aeronáutica e aeroespacial; farmacêutica; material de escritório e informática; equipamentos de rádio, TV e comunicação; instrumentos médicos de ótica e precisão. A **indústria de média-alta tecnologia** engloba máquinas e equipamentos elétricos; veículos automotores, reboques e semi-reboques; produtos químicos (exclusive farmacêuticos); equipamentos para ferrovia e material de transporte; máquinas e equipamentos mecânicos. A **indústria de média-baixa tecnologia** abrange construção e reparação naval; borracha e produtos plásticos; carvão, produtos do petróleo refinado e combustível nuclear; outros produtos minerais não-

A evolução dos índices dos principais capítulos

Os dados que embasam as análises constam na Tabela 2, onde se apresentam as taxas de variação dos índices segundo os principais capítulos. Para facilitar a confrontação dos dados, os capítulos, na tabela, foram ordenados de forma decrescente segundo o seu código. Nesta análise, busca-se destacar os fatos mais relevantes, sendo que a variação de um ano é sempre em relação ao ano imediatamente anterior.

O capítulo de sementes e grãos (12) foi o que apresentou a maior taxa de crescimento do valor exportado em 2006 e as maiores quedas em 2005 e 2004. O elevado acréscimo em 2006 decorreu do incremento do volume embarcado ao exterior. Tal comportamento deveu-se à evolução positiva das vendas dos grãos de soja, principal produto desse capítulo, após dois anos consecutivos de declínio da quantidade exportada, em consequência da redução da produção gaúcha pela prolongada estiagem. Já o preço médio da soja diminuiu no biênio 2005-06, em virtude do crescimento dos estoques mundiais, com o grande acréscimo da produção norte-americana e da argentina, principais concorrentes do Brasil.

A estiagem afetou igualmente as vendas de gorduras e óleos (15) e de resíduos das indústrias alimentares (23) em 2005, com queda do volume e do preço das exportações. Esses capítulos, cujas mercadorias mais representativas têm sido o óleo de soja em bruto e o farelo de soja, respectivamente, também diminuíram o volume embarcado em 2004, mas o aumento do valor foi positivo, em virtude do incremento dos preços internacionais, estimulados pela forte demanda mundial, ao mesmo tempo em que os estoques mundiais eram menores. Ainda em 2004, houve elevação dos preços dos resíduos das indústrias alimentares (23), o que pode ser atribuído, em parte, ao “mal da vaca louca”, que levou ao aumento da substituição, na ração animal, da farinha com resíduos de animais pelo farelo de soja.

Em 2006, foi o capítulo fumo (24) o que expôs o maior decréscimo no valor vendido ao exterior, decorrente de menores quantidades exportadas, não compensadas pela variação positiva do preço. A diminuição da safra de fumo 2005/2006, aliada à menor qualidade da oferta,

devido ao clima desfavorável e à perda de competitividade no mercado internacional, em razão da apreciação cambial, provocou a queda no volume exportado. Em 2005, o crescimento do valor deveu-se aos acréscimos no preço, enquanto, em 2004, foi decorrente do volume negociado. A quase-totalidade das vendas do capítulo é de fumo não manufaturado, em especial do fumo em folhas.

Já uma melhor *performance* em 2005 e 2004 foi a do capítulo dos combustíveis (27), que também apresentou um substancial acréscimo do valor exportado em 2006. Destacam-se os incrementos dos preços em 2004 e do volume em 2005 e 2006, impelidos, em parte, pelas pressões altistas no mercado internacional do petróleo e pelo acréscimo da capacidade de refino do petróleo no Estado,⁵ que têm contribuído para o aumento das vendas externas de óleo diesel, gasolinas e óleos lubrificantes, dentre outros. Esse capítulo, que não era relevante no valor das exportações gaúchas até 2004, pois sua participação era de apenas 0,4%, elevou sua representatividade, atingindo 2,2% do valor transacionado em 2006 (Tabela 1).

As taxas de incremento positivas, ao longo dos três anos, nos índices tanto de volume como de preços das carnes (02) distinguem esse capítulo, no qual se sobressaem as vendas de carnes frangos e, com menor representatividade, as de carnes suínas. Já as carnes bovinas, que eram pouco representativas nas vendas externas gaúchas até 2005, exibiram um significativo crescimento em 2006. Isso ocorreu pelo redirecionamento de parte da produção de outros estados, impedidos de exportar, devido ao embargo à carne brasileira destes por causa da febre aftosa. Quanto aos suínos, o elevado incremento das vendas ao longo de todo o período deveu-se, sobretudo, às grandes aquisições russas. Assim, o menor ritmo do crescimento do valor exportado no capítulo das carnes, em 2006, decorreu da retração da demanda no mercado internacional de frangos, ocasionada, fundamentalmente, pela gripe aviária na Europa e na Ásia, depois de dois anos de sucessivas crises sanitárias nos principais concorrentes brasileiros, que favoreceram o produto gaúcho.

Já em preparações de carnes e peixes (16), verificaram-se um arrefecimento nas taxas de crescimento dos valores, em 2005, e um novo impulso em 2006, ocorrido, principalmente, pelos incrementos dos volumes. Os principais produtos exportados foram as

-metálicos; produtos metálicos. A **indústria de baixa tecnologia** compreende produtos manufaturados e bens reciclados; madeira e seus produtos, papel e celulose; alimentos, bebidas e tabaco; têxteis, couro e calçados (OCDE, 2007).

⁵ O incremento das exportações é consequência da ampliação da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap) de Canoas (Refap..., 2006).

conservas de carne de frango e de bovinos, bem como os embutidos de carnes e miudezas.

Constatou-se que, em 2006, apresentaram taxas de crescimento negativo do valor exportado os capítulos fumo (24), veículos (87), máquinas e aparelhos mecânicos (84), calçados (64) e produtos químicos orgânicos (29), todos devido à queda do volume embarcado. Esses capítulos, em 2005 e 2004, exibiram taxas positivas de crescimento do valor, a despeito de alguns deles terem apresentado redução de volume.

Calçados (64), que em 2004 era o principal capítulo pelo valor exportado na pauta gaúcha, representando 13,4% do valor da mesma, em 2005 e 2006 perdeu participação. Observou-se, nos três anos, um decréscimo do volume negociado no exterior, ao mesmo tempo em que os preços apresentaram crescimento, porém em ritmo declinante. As reduções dos embarques devem-se, sobretudo, à grande concorrência dos calçados de preço mais baixo, em especial dos chineses, somada à transferência de parte de empresas gaúchas e à abertura de filiais na Região Nordeste do Brasil. Diante das dificuldades provenientes da concorrência em todos os mercados e de problemas cambiais significativos, algumas empresas passaram a exportar produtos com marca própria e de preço mais alto; outras redirecionaram a comercialização para o mercado interno; e algumas encerraram as atividades, com grandes repercussões sociais. Nesse capítulo, as mercadorias mais vendidas têm sido os calçados de couro natural, seguidos dos calçados de borracha ou plástico.

Veículos, tratores e suas partes (87), após dois anos consecutivos de incremento no volume e no preço, apresentou uma queda da quantidade exportada em 2006, com destaque para os tratores. Neste último ano, o incremento do preço não foi suficiente para contrabalançar o decréscimo do volume, em especial de tratores e automóveis. Em 2004, verificou-se um acelerado ritmo de incremento nas quantidades e nos preços desse capítulo, com destaque para a venda de carrocerias.

As vendas de máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes (84), desde 2005, vêm apresentando decréscimos de volume, mas os preços têm-se elevado de forma contínua, ao longo dos três últimos anos. Contudo, em 2006, eles não foram suficientes para compensar a queda na quantidade embarcada. A menor quantidade negociada pode ser creditada, em parte, à quebra de safras em alguns importantes países consumidores de máquinas e implementos agrícolas e também à redução da competitividade, tendo em vista a política de reajuste de preços para compensar parte da perda com a valorização do real. Deve-se considerar a

possibilidade, no caso de algumas empresas multinacionais, da redução das exportações como uma decisão estratégica, devido ao seu baixo retorno financeiro e à possibilidade de abastecer mercados através de outras filiais. Nesse capítulo, destacaram-se, pelo valor vendido, as máquinas agrícolas, seguidas das máquinas para processamento de dados e suas unidades e dos motores e suas partes.

Nas empresas caracterizadas por elevado comércio intra-indústria, como é o caso de grande parte das indústrias de média-alta tecnologia, como veículos (87) e máquinas e equipamentos mecânicos (84), o câmbio assume papel ainda mais relevante. Vários desses segmentos industriais são sensíveis à escala de produção e/ou a estratégias de diferenciação de produto. Destarte, a taxa de câmbio pode favorecer ou dificultar ainda mais a penetração em novos mercados, bem como a concorrência no mercado interno. Com a moeda apreciada, a filial de uma empresa multinacional pode decidir parar de exportar ou de produzir parte ou todo o produto no mercado interno, adquirindo-o de unidades instaladas em outros países. Também pode ocorrer um aumento da concorrência de outras empresas, obrigando as sediadas no País a cederem parte do mercado interno ou a buscarem novas estratégias de diferenciação do produto.

Registraram-se aumentos muito expressivos de preços na indústria química e petroquímica, em 2004, que perdeu parte do fôlego em 2005 e 2006. Mesmo assim, as vendas externas de produtos químicos orgânicos (29) e de produtos plásticos (39) cresceram em 2004 e 2005. Essa trajetória continuou para os plásticos, apesar dos menores percentuais de incremento dos volumes e preços, onde se salientam as vendas de polietileno e poliestireno em forma primária. Mas o decréscimo do volume exportado dos produtos químicos orgânicos (29), em 2006, diminuiu o valor das vendas. Nesse capítulo se destacaram, pelo valor, as seguintes mercadorias: éter metil-ter-butílico (MTBE), benzeno, buta-1,3-dieno não-saturado e tolueno, que são matérias-primas utilizadas para a fabricação de diversos produtos petroquímicos.

Também se pode salientar que móveis (94), após ter revelado o maior incremento no índice de volume, em 2004, denotou taxas negativas da quantidade vendida em 2005 e 2006, com acentuada perda de competitividade no mercado internacional. Já máquinas e aparelho elétricos (85), couros (41) e pastas de madeira e papel (47) apresentaram, em 2004, taxas negativas do índice de preços, ao contrário dos demais anos. Mas, em todo o triênio, as taxas de crescimento dos volumes e do valor foram positivas.

Tabela 2

Variação anual dos índices de valor, de volume e de preço das exportações, segundo os principais capítulos da NCM, do Rio Grande do Sul — 2003-06

(%)

CÓDIGOS	CAPÍTULOS	VARIAÇÃO DOS ÍNDICES 2006/2005			VARIAÇÃO DOS ÍNDICES 2005/2004		
		Valor	Volume (1)	Preço (2)	Valor	Volume (1)	Preço (2)
12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	573,4	631,7	-8,0	-82,7	-79,7	-14,6
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais	94,2	71,1	13,5	235,7	106,6	62,5
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	55,1	45,8	6,4	-29,7	-16,0	-16,3
16	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	49,8	52,9	-2,0	26,6	18,4	6,8
85	Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc.	22,5	14,6	6,8	35,0	24,1	8,8
02	Carnes e miudezas, comestíveis	22,5	11,6	9,7	32,1	14,0	15,9
41	Peles e couros	19,6	12,7	6,1	1,4	0,8	0,6
39	Plásticos e suas obras	17,4	4,6	12,3	50,6	24,8	20,6
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	16,9	18,6	-1,4	-27,9	-15,7	-14,4
47	Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	11,1	1,3	9,6	7,4	2,7	4,5
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	10,7	3,5	6,9	-0,4	-7,5	7,6
82	Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc., de metais comuns	10,5	2,2	8,2	5,7	-8,8	16,0
40	Borracha e suas obras	4,8	-2,3	7,2	29,8	9,7	18,3
94	Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	0,1	-6,3	6,8	-1,1	-13,8	14,7
29	Produtos químicos orgânicos	-0,4	-12,3	13,6	48,9	21,1	23,0
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	-3,5	-14,7	13,2	2,9	-11,5	16,3
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	-7,2	-14,1	8,0	3,8	-3,3	7,4
87	Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	-9,3	-16,2	8,2	27,4	10,3	15,5
24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	-14,2	-22,5	10,6	16,3	1,4	14,6
	TOTAL	12,6	4,5	7,8	5,8	-5,3	11,8

CÓDIGOS	CAPÍTULOS	VARIAÇÃO DOS ÍNDICES 2004/2003		
		Valor	Volume (1)	Preço (2)
12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	-24,7	-41,8	29,5
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais	226,0	-13,4	276,7
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	6,4	-4,3	11,3
16	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	46,2	34,9	8,4
85	Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc.	22,9	32,7	-7,4
02	Carnes e miudezas, comestíveis	42,3	19,2	19,4
41	Peles e couros	13,3	24,3	-8,8
39	Plásticos e suas obras	21,0	-13,5	39,9
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	13,4	-2,5	16,3
47	Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	10,4	30,1	-15,1
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	22,3	8,9	12,3
82	Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc., de metais comuns	38,1	28,2	7,7
40	Borracha e suas obras	5,6	-0,7	6,4
94	Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	52,1	45,7	4,4
29	Produtos químicos orgânicos	36,8	-5,9	45,4
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	11,5	-5,1	17,5
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	27,8	21,1	5,5
87	Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	55,1	21,5	27,7
24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	29,9	22,8	5,8
	TOTAL	23,3	8,9	13,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/Sistema Alice.

NOTA: Os dados têm como base a média de 2003 = 100.

(1) Índice de Volume Laspeyres. (2) Índice de Preço Paasche.

Considerações finais

No RS, o incremento anual das exportações de 2004 a 2006 deve ser creditado aos acréscimos de preços em todo o período; para o Brasil, o mesmo não ocorreu em 2004, exceto para alguns produtos básicos, cuja demanda mundial estava em expansão. Já o volume das exportações brasileiras cresceu a taxas declinantes nos últimos três anos, e, no RS, houve um decréscimo em 2005, fruto de problemas climáticos. Portanto, o resultado das vendas externas reflete, em grande parte, o bom momento do mercado internacional, já que, em uma economia em recessão, dificilmente a variação de preços poderia ter sustentação.

O aumento da quantidade exportada, apesar da apreciação cambial, pode trazer resultados altamente positivos para a economia, se promover a evolução tecnológica e a inovação em produtos, resultado de consumidores externos mais exigentes. Ademais, as vendas externas podem contribuir para a geração de empregos e para a ampliação da renda interna. Destarte, o aumento das vendas externas torna-se ainda mais relevante, à medida que a taxa de crescimento do produto interno, em níveis tanto nacional como estadual, foi pequena e a demanda interna reduzida.

É importante constatar que o impacto do câmbio varia de acordo com cada segmento. A apreciação cambial do real reduziu a rentabilidade das exportações brasileiras e gaúchas e tornou a situação financeira de algumas empresas mais complexa, dada a dificuldade do exportador de repassar suas perdas ao importador. As exceções foram as *commodities*, que apresentaram preços internacionais elevados, e os produtos que possuem posicionamento de marcas no exterior. Se, por um lado, as *commodities* reagem menos às alterações cambiais, pois estão mais atreladas à oferta e às condições de mercado, por outro, nos manufaturados, as variações cambiais são mais relevantes e causam maiores impactos sobre os preços de venda.

Os prejuízos foram igualmente menores ou nulos para algumas empresas que internacionalizaram a produção, através da instalação de plantas industriais e/ou formação de *joint-ventures*, e passaram a exportar de outras unidades, situadas em outros países. Também conseguiram proteger-se as empresas que puderam fazer *hedge* pela importação de insumos ou de máquinas, que baratearam os produtos a serem exportados. Isso explica, em parte, o crescimento do volume de determinados capítulos.

Contudo os setores de uso intensivo de mão-de-obra e de recursos naturais, como calçados e móveis, e

que fazem pouco uso de insumos importados enfrentam grande concorrência em todos os mercados. Tais setores, cuja participação dos salários no valor da transformação industrial é elevada, são os que mais estão perdendo competitividade internacional. E esse é o caso de grande parte da pauta gaúcha, o que a torna mais sensível ao efeito da apreciação cambial, com queda do volume embarcado.

As mercadorias dos capítulos calçados (84), móveis (94), couros (41) e celulose (47) incluem-se na indústria de baixa intensidade tecnológica, que possui uma demanda menos dinâmica. Como muitas dessas mercadorias são comercializadas sem marca própria, o que define a venda é o preço, e, como podem ser facilmente copiadas, o importador pode substituir o fornecedor sem grandes dificuldades.

Já as mercadorias dos capítulos veículos (87), máquinas e aparelhos mecânicos (84) e produtos químicos (29) compõem a indústria de média-alta intensidade tecnológica. Algumas empresas que exportam os produtos desses capítulos são multinacionais, necessitam de ganhos de escala e praticam o comércio entre distintas unidades da multinacional, visando ao maior ganho global. Nesse caso, podem proteger-se melhor das alterações cambiais e diminuir suas perdas.

A despeito do dinamismo exportador, verifica-se que tanto o Brasil como o RS são exportadores, preponderantemente, de bens de baixa e média-baixa intensidade tecnológica, que apresentam baixo dinamismo no comércio exterior. Se é importante aumentar o conteúdo tecnológico das exportações, isso não implica diminuir as vendas externas de *commodities*, setor em que o País e a economia gaúcha são altamente competitivos e têm garantido excelentes resultados.

Frente à apreciação cambial, algumas empresas chegaram a operar com margens negativas no mercado externo, temporariamente, até poderem reposicionar os seus preços no exterior. Porém, as grandes empresas têm uma margem de lucro para queimar, para manter a competitividade, as pequenas e médias não têm, pois vivem no limiar da competitividade. Logo, quanto mais baixo for o valor do dólar, mais concentradas serão as exportações.

Deve-se ter presente que a valorização cambial nos últimos anos, não só frente ao dólar, mas também com relação às moedas de vários países, intensificou a desorganização de cadeias produtivas nacionais, ao favorecer as aquisições de produtos importados. Com isso, produtores nacionais e gaúchos que compravam de fornecedores domésticos vêm tentando reduzir seus

custos, adquirindo insumos e matéria-prima do exterior e/ou internacionalizando suas operações.

Referências

FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO EXTERIOR — FUNCEX. **Base de dados estatísticos**. Disponível em: <<http://www.funcex.com.br/basesbd>>. Acesso em: 12 mar. 2007.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER — FEE. **Índice das exportações**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

IBGE. **Sistema de Contas Nacionais Brasil 2000-2005**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/>>. Acesso em: 02 abr. 2007.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO — OCDE. **OECD science, technology and industry scoreboard 2005 — towards a knowledge-based economy ANNEX A-Classification of manufacturing industries based on technology**. Disponível em: <<http://caliban.sourceoecd.org/pdf/ann-a.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2007.

PASIN, Jorge Antonio B. Exportações brasileiras crescem com mudança de mercados. **Visão do Desenvolvimento**, BNDES, n. 23, 25 jan. 2007. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2007.

REFAP aumenta exportação de combustíveis. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 27 jul. 2006, p. 10.